

A MALUQUINHA DE ARROIOS

Comédia em 3 actos de ANDRÉ BRUN. Publicada sem indicação de data.

Estreada em 14 de Fevereiro de 1916 no Teatro República. Adaptada ao cinema por Henrique Campos em 1970.

[...]

Duas cenas: um salão mobilado com luxo «mas com manifestas faltas de gosto» (1.º e 3.º actos); uma casa de jantar (2.º acto). Acção em Lisboa, 1916.

A acção, muito enredada e fértil em «quiproquós», gira em torno de Alzira, a «maluquinha de Arroios », conhecida no bairro pelo seu porte duvidoso, que vive em companhia dos pais, Jerónimo Martins, batoteiro e namorador de criadas, e D. Eulália «uma incompreendida».

A vizinhança queixa-se da vida licenciosa de Alzira e do barulho que fazem um macaco e um papagaio que tem em casa; e, como ela deve dois meses de renda, o senhorio, Baltazar Esteves, abastado negociante de bacalhau, encarrega o seu procurador, Aniceto Abranches, de lhe dar ordem de despejo. Este mantém um namoro por cartas, que assina com as suas iniciais (A.A.), com uma desconhecida que não é outra senão a mãe de Alzira. Por sua vez, o genro de Baltazar Esteves, um marquês arruinado, mantém uma ligação com Alzira, por quem Chico, filho de Baltazar, está apaixonado e a quem manda todos os dias um ramo de flores e um soneto assinado com as iniciais do seu pseudónimo Antero Aires. Alzira e o pai vão a casa de Baltazar Esteves pedir-lhe que retire a ordem de despejo. Chico reconhece a sua apaixonada e esta convida-o a visitá-la em Arroios. O mesmo convite é feito a Baltazar, seduzido pelos encantos de Alzira. Todas estas personagens, e ainda D. Perpétua, manicura de Alzira e professora de francês de D. Capitolina, mulher de Baltazar Esteves, bem como a própria Capitolina e a filha Luísa, se encontram em casa de Alzira, num dia tempestuoso de chuva e trovoadas. Artur vem romper com a amante; Chico traz-lhe o ramo de flores e o soneto quotidianos, mas D. Eulália toma-o pelo autor das cartas; Baltazar faz-lhe a corte; D. Capitolina e a filha, desgostosa com o abandono do marido, vem pedir-lhe conselhos sobre a maneira de prender os homens. Jerónimo Martins persegue a nova criada, que o fecha na despensa, onde descobre a correspondência secreta entre a mulher e o misterioso «A.A.». Todos se escondem uns dos outros, e o acto termina na maior das confusões, enquanto o macaco, enraivecido pela trovoadas, os persegue e ataca e o papagaio grita na varanda «ó da guarda»! Tudo acaba por esclarecer-se no último acto.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 223-224.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.